

## MULHERES PESCADORAS DE ARRAIAL DO CABO:

### *IMAGINÁRIO, REPRESENTAÇÕES E GÊNERO.*

#### *FISHERWOMEN OF ARRAIAL DO CABO: IMAGINARY, REPRESENTATIONS AND GENDER*

*Rosane Barbosa Marendino<sup>1</sup>*

*João Gilberto da Silva Carvalho<sup>2</sup>*

#### **Resumo:**

O artigo articula e problematiza a teoria das representações sociais e o imaginário em uma perspectiva de gênero, tendo como ponto de partida um grupo de quinze mulheres que se dedica à pesca no município de Arraial do Cabo, Rio de Janeiro. A narrativa dessas mulheres, bem como a análise bibliográfica das características sociais da cidade, levou-nos à conclusão de que o mar está presente não apenas nas práticas sociais e econômicas, mas nas manifestações simbólicas que envolvem memória,

tradição, identidade e imaginação cabista. A trajetória antropológica – o nosso envolvimento atento aos ares e mares da cidade – trouxe-nos a poética do espaço de Bachelard em toda sua força.

**Palavras-chave:** imaginário; representações sociais; mulheres pescadoras.

#### **Abstract:**

The article articulates and discusses the theory of social representations and the imaginary in a gender perspective, taking as its landmark a group of women

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense/Faculdade de Educação. E-mail: [rosane.marendino@gmail.com](mailto:rosane.marendino@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor de Sociologia do IFRJ/Campus Arraial do Cabo, onde ocupa a Direção Geral. Doutor em Psicologia pela UFRJ. E-mail: [joao.carvalho@ifrj.edu.br](mailto:joao.carvalho@ifrj.edu.br)

(fifteen ones) who are engaged in fishing activities in the city of Arraial do Cabo, Rio de Janeiro. The narrative of these women, as well as the literature review concerning the main social features of the city, enabled us to conclude that the sea is actual not only in the economic and social practices, but also

in the symbolic manifestations involving cabistas' memory, tradition, identity and imagination. The anthropological path – our attentive involvement concerning air and sea features of the city - brought us to the Bachelard poetics of space in all its strength.

**Key words:** imaginary, social representations,

## INTRODUÇÃO

Nossa intenção inicial era produzir um texto que articulasse gênero e representações sociais a partir de um grupo de mulheres do município de Arraial do Cabo que se dedica à pesca. Soubemos que havia na cidade um grupo de mulheres que pescava, “transgredindo” assim um limite histórico de gênero, o mar. A pesca é tradicionalmente vista como atividade para homens, pois “as mulheres trazem azar ao pescador”, assim o professor Murilo Minello<sup>3</sup> nos apresentou o “fenômeno” tal como dele ouviu falar. No mar, historicamente, as mulheres sempre estiveram ligadas às atividades de suporte à pesca; em Arraial, filetadeiras, rendeiras e marisqueiras, entre outras que gravitam em

torno da atividade pesqueira. Eis que nesta aprazível cidade litorânea, enxergamos a possibilidade de desenvolver a referida pesquisa. A premissa era simples: uma reflexão em torno de mais uma conquista feminina. E os incentivos brotaram de todos os lados para que empreendêssemos o estudo. Tal investigação significaria a oportunidade de registro de um fenômeno social supostamente associado às dimensões históricas das lutas e conquistas femininas. Ao conversarmos com as mulheres percebemos que a situação-problema inicial poderia ser acrescida por outras dimensões. Até aí nada de mais, a pesquisa de campo sempre nos reserva algum tipo de surpresa e mudar de rumo ou fazer ajustes é fato comum. Uma vez no barco, tendo ao lado as mulheres e acima a lua brilhante, sentimos que era necessário agregar novas opções teóricas ou

<sup>3</sup> Informação prestada pelo prof. Murilo Minello, nosso colega no IFRJ, *campus* Arraial do Cabo, onde o professor João Gilberto também leciona.

simplesmente naufragaria, epistemologicamente falando. A brisa marinha sussurrou aos nossos ouvidos a necessidade de transcendermos a razão e o afeto em direção ao sonho e ao delírio. Percebemos, então, que era necessário mergulhar em uma abordagem que nos permitisse compreender toda a poesia que emana do mar. Trocadilhos à parte, nós precisávamos com urgência do aporte de uma teoria do imaginário.

## ENTRE TEORIAS E QUERELAS

Tanto a representação quanto a imaginação, em sentido amplo, são atividades cognitivas derivadas da condição humana, sua capacidade de viver em sociedade e produzir símbolos que se traduzem em comunicação e conhecimento. Neste nível de abstração filosófica, admitindo-se a imaginação enquanto faculdade de “formar, producir, reproducir o crear imágenes” (BANCHS, 2007, p. 49) e a representação como a atividade de “tornar presente o que está de fato ausente por meio de símbolos” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 33), temos uma distinção conceitual cuja sutileza resvala à tautologia. Com efeito, se para os “representacionistas” em geral toda imagem é uma representa-

ção, para os teóricos do imaginário a representação é apenas uma modalidade de imagem, desprovida de potencial criativo.

O trabalho de representação não se esgota nas imagens, já que mobiliza outras esferas da vida em sociedade. Entre a presença e a ausência, há o tempo e a memória em seus diferentes níveis; o que não chega a ser uma argumentação muito diferente daquela que encontramos no campo do imaginário. Em relação aos trabalhos aplicados, as representações sociais se ocupam da permanência e da mudança a partir do senso comum e do cotidiano, vale dizer, da tensão que caracteriza os processos de ancoragem e objetivação; o imaginário vai do *in illo tempore* ao tempo do não tempo, ou seja, da forma como o passado e o presente são unidos pela força de imagens que derivam de necessidades vitais. Um teórico das representações sociais pode dizer que o imaginário se ocupa das representações coletivas, e ouvir como resposta provável, que uma teoria do imaginário vai muito além do estudo das religiões, interessando-se, sobretudo, pelos mitos e imagens carregadas de significado.

Refletindo a partir de nosso encontro com as pescadoras, acreditamos que as duas abordagens sejam

viáveis e contemplam dimensões diferentes da mesma realidade. Em tese, as representações sociais descortinam os mecanismos de formação de consensos e dissensos tensionados cotidianamente na vida em sociedade (MOSCOVICI & DOISE, 1991); o imaginário lida com as estruturas latentes do universo simbólico, muitas vezes expressos na poesia, na criação e na linguagem dos sonhos e pesadelos, nas criaturas da luz e das trevas que se perpetuam em rituais do bem e do mal. Em termos mais objetivos ou simples, diríamos que a representação social sobre/das mulheres pode nos esclarecer o que/como as pescadoras pensam/são pensadas; enquanto o imaginário nos oferece o substrato mais profundo de todos esses processos.

Distinção que pode ser considerada simplificadora, senão temerária. Entre as abordagens em representações sociais há o trabalho de Wagner (2011) que, inspirado na linguística de Lakoff, estuda o caráter metafórico das representações sociais, constituindo-se num ramo forte e produtivo da teoria. Também há diferenças marcantes entre o imaginário de Castoriadis (1982) e o de Gilbert Durand (1989). Mas são exatamente tais nuances que nos permitem entender a aproximação que os teóricos das representações so-

ciais buscam com o filósofo grego: a ênfase no social, enquanto instância efervescente de símbolos e possibilidades de ação ou, para fazer jus ao conceito de *magma* de Castoriadis, erupção. Ainda na esteira da prioridade ao social, a teoria das representações sociais se apoia em Winnicott para a contextualização ontogenética dos processos de desenvolvimento da subjetividade humana. É na negociação primária com a mãe, a partir da dialética presença-ausência, que a criança se apropria do mundo e toma consciência da existência do outro, constituindo-se assim a tríade do conhecimento, eu-outro-mundo. Já na “antropologia imaginária” de Durand, as imagens emergem da generalização afetiva que ocorre dinamicamente nos três reflexos dominantes (postural, nutricional e copulativo) da tenra infância. Tal processo caracteriza os *schèmes*, o nível simbólico mais profundo e que está na base de toda produção imaginária, da imagem mais simples aos arquétipos.

Em relação às mulheres pescadoras descobrimos a possibilidade de uma senda poética. Pois foi caminhando pelas ruas do pequeno município que constatamos a onipresença do mar; seja no lazer ou nas atividades econômicas, ele permeia as práticas sociais

de Arraial do Cabo. É o mar que traz o turista que perambula à vontade aqui e ali; que traz o peixe que alimenta e sustenta tanto a pesca tradicional quanto à predadora. Na atividade intensa do Porto do Forno, nos passeios de barco, na Resex, no “cadáver” exposto da Companhia Nacional de Álcalis, nos pratos dos restaurantes, de uma forma ou de outra, o mar ocupa o centro dos lugares de memória de Arraial do Cabo<sup>4</sup>.

#### ARRAIAL DO CABO: O CONTEXTO

Arraial do Cabo é uma cidade daquelas em que a tradição e a novidade se confrontam diariamente. No passado, um arraial de pescadores que teve sua vidinha repentinamente sacudida ao ser transformada em laboratório a céu aberto das experiências desenvolvimentistas. A Companhia Nacional de Álcalis, ou simplesmente Álcalis, como é conhecida a empresa – foi esperança que se transformou em pesadelo no rumoroso processo de falência e sucateamento da gigante do sal (PEREIRA, 2009). No site da prefeitura de Arraial (<http://www.arraial.rj.gov.br>) consta o número de pouco

<sup>4</sup> Lugares de memória na acepção de Nora, 1993; ou seja, espaços que se tornam significativos em função de sua historicidade e assim se tornam especiais para aqueles que o constroem.

mais de 26 mil habitantes, uma cidade pequena para os padrões do Estado do Rio de Janeiro. Arraial do Cabo, no entanto, é uma cidade peculiar. Emancipada de Cabo Frio em 1985, tornou-se conhecida por suas belezas naturais, maravilhosas praias que oferecem condições excepcionais para o mergulho e banho. Na atualidade vicejam os problemas característicos das cidades fluminenses – de maneira sorrateira a droga se expande entre os jovens nos espaços propiciados pelo desemprego e falta de horizontes. Não obstante, a renda de bilro e a pesca artesanal resistem ao tempo e às transformações.

De um lado, o turismo; de outro, a preservação ambiental – eis a dicotomia visível (GERMANO, 2001) da cidade. Entre as atividades tradicionais, a pesca ocupa um importante espaço na vida econômica de Arraial. A cidade sempre foi um arraial no sentido estrito do termo – e de pescadores. O que significa dizer que a cultura local é impregnada pelo universo simbólico de pescadores, salineiros e artesãos que viveram praticamente isolados de seus vizinhos. O cabista se tornou a expressão de uma identidade forjada no mar e das rugas cotidianas com outro Cabo, a cidade de Cabo Frio – pois a identidade consolida-se a par-

tir da alteridade. De tal base simbólica alimentaram-se as relações sociais que tornaram célebres os “causos” de Damaceno (2003), bem no estilo memorialista ou “o cotidiano de uma cidade do interior”.

Recentemente, a cidade tem recebido um grande fluxo de migrantes da Baixada Fluminense e vê surgir novos bairros, espremidos entre o mar e áreas de proteção ambiental. Existe uma identidade local – o cabista – o que há de comum entre os nascidos na cidade. Uma base simbólica que tem como conexão o mar, desde o tempo em que grupos pré-históricos criaram as estruturas que conhecemos por sambaquis. Historicamente, Arraial do Cabo evoluiu para a típica situação de vila de pescadores, cuja economia girava em torno da atividade pesqueira e seus subprodutos, como a fabricação artesanal de cestos, redes e materiais afins (PRADO, 2000). Assim, o relativo isolamento da cidade sedimentou a identificação do cabista com o mar (“Cabista é quando pai e a mãe são nascidos no Arraial. Cabista é nascido e criado aqui, ele vive da pesca. O verdadeiro pescador artesanal é o cabista, porque ele carrega uma canoa a remo na mão [...]” [Sr. Chonca]. In: KRUEL-FONSECA & PEIXOTO, 2004)

As mudanças na vida do pescador foram retratadas em 1959 pelo documentário de Paulo César Saraceni. Assim, há mais de cinquenta anos já se pensava no impacto causado pelas intervenções na vida dessa comunidade (de pescadores, como geralmente é frisado). Na academia, entre teses e dissertações, a mudança na vida dos cabistas foi estudada tanto do ponto de vista antropológico (PRADO, 2000) quanto do econômico (PEREIRA, 2009). Se a *Álcalis* prometia inserir o “arraial” no rol das grandes cidades fluminenses, sua falência trouxe um misto de indignação e perplexidade. De fato, a piscicultura cedeu espaço econômico à indústria salineira e ao turismo, embora tenha continuado o sustento de todos aqueles que não puderam ou simplesmente não quiseram mudar de profissão. Os dados oficiais do Censo/2010 reunidos e comentados pelo SEBRAE (<http://www.biblioteca.sebrae.com.br>) confirmam que Arraial do Cabo é uma pequena cidade da Região dos Lagos, cuja atividade predominante está calçada no setor de serviços.

No passado, as mulheres de Arraial acompanharam a divisão sexual do trabalho pesqueiro, ficando restritas a tarefas consideradas leves, como a de limpar, salgar e pesar o peixe. Hoje elas estão presentes

em diferentes ocupações, nos vários segmentos da sociedade cabista, o que não chega a ser nada excepcional e sim uma tendência que acontece praticamente em todos os lugares do Ocidente. Então, deparamo-nos com um grupo de mulheres que vai ao mar, enfrentando os desafios e perigos da pesca, não apenas pelo retorno financeiro que possam auferir como também pelo puro prazer de estarem no mar.

#### UMA JORNADA “QUASE” ANTROPOLÓGICA (METODOLÓGICA)

A estratégia metodológica adotada foi a de utilizar o trabalho de campo inspirado na antropologia, tendo os olhos e ouvidos embotados de imaginário e representações sociais, como já explicamos de início. Não tivemos um diário de campo, mas organizamos entrevistas livres que também serviram para produzir um vídeo com incentivo da PROEX-IFRJ. A Superintendência de Cultura do município nos permitiu usar o belo espaço de cultura situado na Praia dos Anjos, onde são realizados cursos e oficinas que objetivam preservar as tradições locais. Para não dizer que não existe, encontramos apenas o trabalho de Rosário

(2011) sobre mulheres pescadoras.

Em 21/09/2012 conhecemos o grupo de ruidosas mulheres; das quinze existentes, compareceram sete. Era o nosso primeiro contato pessoal, precedido por várias conversas com aqueles que com elas convivem. De imediato, chamou-nos a atenção os cuidados com a aparência. As fragrâncias suaves ou marcantes pouco lembravam a expressão local “fedendo a peixe”. Risos e aparentemente desconsertadas pela filmagem, ainda que não tenha sido a primeira vez. A conversa fluiu e ficamos todos à vontade para falar sobre o que amam fazer: pescar. Foram enfáticas em dizer que não são profissionais, no sentido de exercerem uma atividade econômica, e reverenciam a seu modo os pescadores. Um dinheirinho a mais é sempre bem vindo, então, se o mar tiver sido generoso e se alguém quiser comprar...

Não houve algo assemelhado ao inflamado discurso feminista ou mera alusão ao tema, embora tenham sido provocadas. Alguns dias antes, o senhor Gamaliel, um dos mestres da pesca local, dissera-nos que as mulheres somente foram para o mar aberto a partir do advento dos barcos a motor. Na reunião, elas confirmaram esta informação e declararam não sentir

qualquer discriminação contra sua atividade, que no caso específico deste grupo aparenta ser um “esporte”.

É preciso estar atento às minúcias, como recomendam os antropólogos. Na equipe de pesquisa havia dois alunos estagiários moradores da cidade e responsáveis por intermediar os contatos com o grupo. A elas, referiam-se como “a mulherada”, “véias”, “coroas”, isto é, a idade destacava-se ao gênero. Todas elas são populares na cidade, de resto característica das cidades pequenas onde todo mundo se conhece e os laços familiares muitas vezes se entrecruzam. Dona Socorro, uma das mais idosas do grupo, paraibana e evangélica, nunca pescara antes. Didinha, pescadora que nos tempos de juventude praticara *pescaria de apneia*, convidou, ensinou e daí em diante Dona Socorro nunca mais parou, por conta da grade paz experimentada ao estar em contato com o mar. Do grupo entrevistado, só mesmo Dona Socorro é de Praia Grande, as demais, Geneci, Marinete, Leopoldina (Didinha), e Carla são da Praia dos Anjos.

O nosso primeiro encontro, portanto, foi um bate-papo descontraído, embora filmado, o que evidentemente tem o poder de inibir as falas, pelo menos de início. Após a conversa, fizemos um lanche animado.

Combinamos que eu as veria em ação no mar. A impressão inicial era óbvia: pescam porque gostam demais deste misto de aventura e êxtase provocado pelo mar. Então, poderíamos apressadamente supor que a pesca é o elemento básico da identidade deste grupo de mulheres, ou seja, pescam porque isso lhes confere identidade de grupo. Na verdade, assim cremos, não pescam porque existe o grupo, ao contrário, existe o grupo porque querem pescar. Uma vez formado, o grupo pressiona, impõe datas e estabelece rotinas, como a divisão de itens que deve compor o farnel, o onipresente café acompanhado de bolo, biscoitos e outros itens. A jornada é longa e o mar desperta a fome e a sede.

E somente em 12/03/2013 conseguimos embarcar. Os contratemplos se alternavam: um dia era o mar que não estava “bom”, outro eram os afazeres, o tempo passava, e tínhamos notícias de que um grupo ou outro havia pescado. Finalmente, conseguimos uma data comum, mas surgiu um imprevisto, era necessário obter uma licença expedida pelo ICMBio – o Instituto Chico Mendes que administra a Reserva Marinha de Arraial do Cabo. No Porto do Forno encontramos a azáfama de todo cais, o cheiro característico do peixe



e caixas e caixas empilhadas com espadas e tira-viras de olhos esbugalhados. Houve comentários acerca de nossa resistência ao mar. *Nós temos remédio para enjojo!* Enquanto isso, o horizonte se desmanchava em tons de cinza e o barco partiu, cortando as águas escuras. Ao cruzar outra embarcação, os cumprimentos de praxe, seguidos de piadas e comentários que iam do futebol a temas locais.

Depois chegou a noite e a brisa se tornou fria e úmida. *Trouxe casaco?* As mulheres trocaram de roupa, acostumadas com os esguichos das lulas. A sensação de paz e descolamento do mundo que se experimenta em contato com o céu estrelado é deliciosa, embora estejam implícitos o perigo e a imprevisibilidade, desde os tempos em que o mar recebia o nome de Tenebroso. O assombro pelo cardume ou a tempestade repentina, entre outros tantos temores que alimentam as histórias de pescador através dos tempos e perpetuam mitos e lendas. A escuridão e o ronco monótono do barco, até parar em um ponto estratégico, longe dos pescadores profissionais, como recomenda a lei. Finalmente, o mar. Viscoso e envolvente como sempre. Curiosamente, suas primeiras vítimas foram os jovens rapazes. Não pelo canto das sereias e sim

pela tradicional sensação de enjojo. O cinegrafista que-  
dou-se no tombadilho; um dos estagiários vomitava copiosamente; outro rapaz simplesmente amarelou. Enquanto isso, as senhoras atiravam suas linhas vigorosamente em busca das lulas que teimaram em aparecer. O “sexo frágil” estava ali firme, contrastando com o desmoronamento do “sexo forte”.

Interessava às mulheres as lulas, outros peixes eram devolvidos ou oferecidos à tripulação. Aos poucos e com paciência começaram a capturá-las. *Olha só o tamanho!* Didinha comentou com admiração a perícia de sua colega Ana que, aliás, não estava no dia da entrevista. E ali ficamos até às dez da noite, aproximadamente. Em condições “normais” não teriam pressa de ir embora, mas o dono do barco tinha que ir, sem contar os jovens que não se sentiam bem. *Você adora lula*, e Didinha respondeu: *não muito*; prepararia o molusco para uns visitantes, daria a amigos; estava ali, enfim, porque gostava. Simplesmente pela sedução de estar ali. Também o pesquisador repentinamente tornou-se objeto de pesquisa ao ser igualmente abduzido pelo mar. Não há como ficar indiferente: deslumbrado, enjoado, pensativo, melancólico, cada qual tem sua resposta. E o mar está em toda parte na cidade promontório: nas conver-

sas, nas práticas, nas lendas e mitos. Parafraseando Bachelard (1974), a poética do espaço de Arraial do Cabo tem no mar a sua fonte de inspiração mais profunda. Para o filósofo (ibidem, p. 353), a imagem é um produto direto da imaginação (ibid., p. 353), e assim, por extensão, a experiência com o mar é sempre primordial; ela não resgata o passado e sim eterniza o presente, é um *link* entre temporalidades.

Em Arraial os heróis da cultura são os mestres sabedores, um grupo de pescadores detentores dos segredos da pesca artesanal. Entrevistados constantemente por pesquisadores de diversas áreas e incensados pela mídia, foram homenageados em agosto de 2012 com a exposição “Mestres Sabedores da Cultura Popular”. Assim, homens como Chonca e Harildo, entre outros, são reverenciados pela academia, embora sejam apenas pescadores para os locais, já que grande parte da população não se identifica com a tradição.

Mas seria ingenuidade aceitar pura e simplesmente as tradições, se levarmos em conta as reflexões de Giddens (2003). O sociólogo britânico nos alerta quanto à *invenção* de tradições, ou seja, sobre o processo de tensão típico da modernidade tardia (globalização/pós-modernidade) que *cria* fatos so-

ciais com suposto lastro ancestral. Assim, em nome de uma resistência cultural ao novo, o tradicional é “resgatado”, “valorizado” ou, aceitando a premissa de Giddens, inventado. Neste sentido, pesquisas como a nossa contribuem para a criação/consolidação de um imaginário (ou representações sociais) sobre tais mulheres – mulheres que pescam que se tornam mulheres pescadoras, uma categoria reificada em nome das tradições locais. O grupo que entrevistamos e com o qual pescamos é formado por mulheres mães, avós, esposas, religiosas, trabalhadoras não conhecidas na cidade como pescadoras. Além deste grupo há muitas outras mulheres que pescam, isoladamente ou não, para ganhar o pão de cada dia.

Apresentamos em 17/04/2013 o vídeo no auditório do IFRJ (*campus* Arraial do Cabo, RJ). Entre os presentes, o grupo de pescadoras; orgulhosas e bem vestidas, entre as quais Dona Geneci Vianna, que pouco lembrava naquele instante a pescadora que abria a filmagem. Para 23/08/2013 está previsto o lançamento do vídeo pela superintendência de cultura e um debate na temática de gênero. E assim as mulheres pescadoras tornam-se conhecidas e identificadas, é chegada, então a hora de mergulharmos em seu imaginário.

## MERGULHANDO NAS MEMÓRIAS NARRATIVAS E PESCANDO AS IMAGENS REVELADAS.

Apoiando-nos na crença e na intuição de que há algo que atravessa fenomenologicamente os objetos e as representações que fazemos deles, nos permitimos, nesse ponto do texto, mergulhar ainda mais fundo e chegar naquilo que H. Corbin chamaria, em sua obra, de “imaginal” (CORBIN, 1976), ou propriamente no “imaginário profundo” dos sujeitos de nossa pesquisa: as mulheres pescadoras. Tal conceito talvez nos permita capturar certa imaginação ativa e anagógica, órgão de percepção de imagens-arquétipos<sup>5</sup> que nos conduzem às experiências espirituais de um mundo sensível. A imagem do mergulho nos conduz através de uma mesma ideia-força que também conduz as mulheres de nossa pesquisa. Assim, buscamos dedicar-nos às conclusões profundas que as narrativas nos permitiram apreender, fazendo valer o que anunciamos na introdução desse artigo: entrar em uma bacia semântica que nos permitisse olhar as representações sociais e, ao mesmo tempo, a base poética das mentes, criando

<sup>5</sup> Vale apontar que os arquétipos são matrizes, ou seja, formas originais que estruturam a vida e são responsáveis por tudo o que é significativo.

significados e desvelamentos, traduzindo *schémes* e deixando-nos, cara a cara, com a vida simbólica.

Para G. Bachelard (2000), toda imagem é um começo absoluto, algo dotado de potência e, ao contrário da redução da imaginação à percepção e à memória, o autor garante que a autonomia da imagem se apresenta no instante poético e metafísico de sua própria criação. Resumindo-nos a esse dado apontado pelo autor, entendemos que as imagens, por si mesmas, anseiam por vir à tona, possibilitando conhecimentos, intervenções e mudanças. Portanto, é através da complexidade desta poiese<sup>6</sup> que buscamos perceber a simbologia expressa nas falas das mulheres pescadoras.

Ao adentrarmos na bacia semântica de autores que veem as imagens como elementos que falam ao ser, capturamos - em G. Durand (1999) - o estudo do imaginário como aquele que permite a compreensão dos dinamismos que regulam a vida social e suas manifestações culturais. Para tal, há que se considerar o capital inconsciente dos gestos do Homo Sapiens, o conjunto de imagens que constituem esse capital pensado e o universo das configurações simbólicas e

<sup>6</sup> Utilizamos *poiese* no sentido das narrativas poéticas, ou seja, a criação de imagens em uma narrativa.

organizacionais que então se constituem. Portanto, estariam subjacentes ao imaginário os modos de pensar, sentir e agir de indivíduos, culturas e sociedades, considerando que o imaginário se estende do inconsciente ao consciente, da fantasia ao pensado, do irracional ao racional, não se limitando ao dado simples de uma reprodução, mas evidenciando uma dimensão criativa/criadora. Ao expressar-se, o imaginário o faz através de diferentes práticas simbólicas, ou seja, de produções tanto imaginárias quanto culturais: os ritos, a linguagem, a magia, a arte, a religião, a ciência, a ideologia, o lúdico, dentre outras. Sua função principal torna-se a de encontrar modos de enfrentar a angústia original decorrente da consciência do tempo e da morte (DURAND, 1989). A dialética entre a experiência existencial e o saber constituído se faz presente.

Segundo Durand (1993) um símbolo sempre representa algo e são duas as formas que a consciência emprega para representar o mundo: uma delas é direta – quando o objeto nos é perceptível – e a outra é indireta, ou seja, quando o objeto está ausente. Neste caso, para torná-lo presente faz-se necessário recorrer às imagens. É assim que a função simbólica torna-se, para o autor, um fator de equilibração psicossocial e o símbolo torna-

-se um signo concreto que evoca algo ausente ou impossível de ser percebido diretamente. Ele é a “epifania de um mistério” (DURAND, *ibidem*, p. 77).

Ao entender a imaginação simbólica de tal forma, Durand estabelece o conceito de imaginário e aponta para o fato de ser analisável e passível de exploração. Formados por conteúdos dinâmicos, de bases míticas, o imaginário se constrói através de estruturas surgindo, assim, a noção de “Estruturas Antropológicas do Imaginário” (DURAND, 1989), organizadas numa significação integrada e segundo uma lógica constelacional.

As estruturas durandianas seriam consideradas como formas transformáveis, desempenhando o papel de protocolo motivador para todo um agrupamento de imagens e susceptível de se agruparem numa estrutura mais geral, dividindo-se, portanto, em dois regimes (o diurno e o noturno) e em três estruturas (a heroica, a mística e a sintética). “Essa classificação leva em conta a existência de uma maneira de se organizar, de um dinamismo, próprios a cada cultura, dinamismo esse que se encontra na base das organizações (convergências) dos símbolos que formam as constelações de imagens” (PITTA, 2005, p. 21).

Portanto, para seguir uma lógica, os símbolos se reagrupam em torno de núcleos organizadores estruturados pelo isomorfismo dos símbolos convergentes. A constatação da existência desse isomorfismo, segundo Pitta (*ibidem*), leva a perceber certas normas de representação imaginária, bem definidas e relativamente estáveis. Tais representações, agrupadas em torno do que G. Durand chamou de *schémes*, formam as estruturas. Assim, considera-se uma estrutura algo que assume uma “forma transformável”.

Baseando-nos em tais aspectos conceituais, encontramos - na fala das entrevistadas - elementos da tradição e do ritual que se perpetuam de geração em geração, traduzindo-se em *schémes*:

*“Vivi em uma ilha, meu pai era pescador... Não tínhamos a curiosidade, mas de um tempo para cá, eu tive. Disse assim: eu vou tentar para ver... Fui a primeira vez e amei... Troco qualquer coisa pela pesca”. / “Também sou filha de pescador e mergulhador. Desde pequena eu mergulho, mas tinha medo dos peixes... Comecei a pescar de linha quando não tinha mais fôlego para a apneia. E continuo”. / “Meu pai era pescador de canoa... Não tive a oportunidade de pescar com ele”. / “Comecei com 10 anos de idade*

*... Morava em Campos e ia pescar com meu pai em águas doces... Sempre amei pescar. Troco tudo pela pesca... Mesmo que tenha roupa para lavar, eu amo ir pescar”. / “Pesquei muita lagosta com papai. Pegava com a mão. Papai me dava uma luva e eu segurava as antenas delas”. / “Também sou filha de pescador, mas nunca gostei. Um dia uma amiga me deu uma corda e eu gostei.... Comprei tudo. Pesquei nove anos na pedra e depois eu sai de barco”.*

Memórias afetivas, imagens do pai pescador. A pesca como elo de sociabilidade e de vínculos anteriores produzindo vínculos atuais em laços de amizade. Essa passagem nos permite dialogar com Castoriadis (1993) na sua compreensão de “tempo”. O tempo, para tal autor, possui um sentido duplo: o identitário e o imaginário. O primeiro refere-se ao tempo instituído, de demarcação – no caso das mulheres pescadoras, a infância. Já o tempo imaginário é o tempo da significação traduzida pela redescoberta da pesca, pelas amizades conquistadas. Para Castoriadis, esse tempo identitário só é tempo porque está referendado ao tempo imaginário que, assim, lhe conferirá a significação de tempo, assim como o tempo imaginário seria indefinível fora do tempo identitário. A pesca, como tempo

instituinte, revela as possibilidades afetivas dos vínculos sociais e de prazer. A atividade iniciática, permitida pelos pais, fornece símbolos que se eternizam e que garantem sentimentos recicláveis durante o presente:

“É um grupo que cresce... Mas, tem que ser aceita para participar dele”. / “A gente leva lanche, comida, brinca, a gente conta casos ... a gente une o útil ao agradável”. / “Fazemos isso por esporte”. / “Se vier outra pessoa de fora, aí quebra o clima, retrai”.

O sociólogo Michel Maffesoli (1996) nos auxilia na compreensão de tais narrativas ao afirmar que a experiência da banalidade e do fortuito permite a vivência do sentimento, da emoção, da imaginação, do lúdico, em suma, dos pequenos fatos da vida cotidiana. Neste caso, a preocupação com o presente e a certeza de que os prazeres da vida - comer, contar casos, amar e brincar com o que se faz - levam o homem a fazer uso deles aqui e agora. Porém, são elementos de base da construção social da realidade. É a valorização das pequenas coisas da vida na qual o lazer parece ser um fio condutor. Memórias agradáveis de uma infância com o pai entrelaçadas ao presente por esse mesmo fio. A necessidade de sobrepor-se ao tempo que passa, renovando os modos de sentir, pensar e agir no presen-

te. O drama da luta contra Cronos é aqui representada: o deus do tempo, que devora ao mesmo tempo em que gera; que mutila Urano, que tira suas fontes da vida, mas que se torna, ele próprio, uma fonte no momento em que fecunda Réia e permite a vida (BRANDÃO, 1997). Complementando, recorreremos novamente à Durand (1989) ao nos revelar que a imaginação nega o nada, a morte e o próprio tempo.

Assim, as mulheres pescadoras revelam seus desafios, os perigos enfrentados no mar, a limitação de seus espaços, mas também nos contam de seus orgulhos, sua coragem, suas vaidades:

“A comunidade acha que somos diferentes... Acham uma coisa incrível... Admiram muito”. / “Se pudéssemos, íamos todos os dias...”. / “Os pescadores nos respeitam muito... Mas já recebemos discriminação também... Eles às vezes reclamam... Tem que manter uma certa distância”. / “Deus nos protege”. / “À princípio tive medo, depois perde”. / “Tem mulher que fala que não vai não, que deixa cheiro... Mas, nós nos prevenimos... Temos roupa só para pescar ... Levamos touca”.

O “lançar-se ao mar” - permitindo transgressões em busca do prazer, desafiando normas instituídas, ar-

riscando-se e aprofundando-se em seus próprios sentimentos e emoções – nos remetem a um cotidiano de regime diurno e estrutura heroica, convivendo, no entanto, com um universo mítico revelado pelas águas e seus mistérios profundos. A síntese surge como schéme, no qual o tempo cíclico não tem começo nem fim, não é linear, mas obedece a um eterno retorno: o reviver a infância, a atividade pesqueira do pai, as lembranças do passado. A noite aparece como promessa de um amanhã. A morte, então, passa a ser entendida como recomeço e não como um fim.

Há, ainda, uma busca de equilibrar os contrários, mantendo uma dialética das distinções e das oposições (DURAND, 1989):

“A gente não pode muito se mostrar... Tem que manter uma certa distância” (fala de uma das mulheres ao referir-se ao espaço dos homens que usam a pesca como um ofício). / “O peixe é mais pesado, tem que colocar isca, etc... A lula é mais prático... mais fácil”. / “Não gostamos de levar homens no barco”. / “O mar não é só do homem”. / “O barqueiro sempre ajuda nas dificuldades maiores”. / “As mulheres são mais cuidadosas, têm mais consciência ambiental”. / “Nós somos pescadoras”.

Re-significar a vida através das diferenças levam essas mulheres a pensar e crer: sim, somos pescadoras. Delineiam cultura, respeitam e interferem em seu ambiente, organizam suas realidades e enfrentam suas angústias diante do tempo que passa. Considera-se, assim, que a pesca dessas mulheres se constitui em espaço institucional<sup>7</sup> de lazer, mas que se autorregula na transmissão de saberes predominantes de uma cultura em que está inserida. Torna-se um *lócus* através do qual se atualizam práticas simbólicas, essencialmente produzidas pelo imaginário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de seis meses refletimos sobre gênero a partir de um fenômeno social fascinante: a existência de mulheres pescadoras em um pequeno município do litoral fluminense. Entre possibilidades e desafios, temos a convicção de que o trabalho empírico deve ser ampliado; incluir outros grupos de mulheres que gravitam de alguma forma em torno da pesca e assim caracterizá-lo como um estudo de gênero. De início, a

<sup>7</sup> Consideramos ser “espaço institucional” já que formam uma Associação de Mulheres Pescadoras e são fiscalizadas pelo IBAMA, mantendo, para tal, um registro.

ideia era trabalhar a representação social das pescadoras, quando então percebemos a possibilidade de revirar a bacia semântica que nutre o simbolismo local. E a ampliação da base teórica permitiu-nos novos olhares e perspectivas. Ao participarmos da pescaria, sentimos toda a sedução que o mar provoca há milênios. A brisa e o céu estrelado tornaram as preocupações da vida cotidiana insignificantes. A cada rápida braçada das pescadoras a noite ganhava sentido. Em seus trajes de pescaria, aquelas mulheres consolidavam aos nossos olhos a identidade e a tradição.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Angela. *Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, Cadernos de Pesquisa, nº 117, p. 127-147, novembro de 2002.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

\_\_\_\_\_. *O Novo Espírito Científico*. RJ: Tempo Brasileiro, 2000.

BANCHS R., Maria Auxiliadora. *Imaginaris, Representaciones y Memoria Social*. In: ARRUDA, Angela & ALBA, Martha de (coords.). *Espacios imaginarios y representaciones sociales: Aportes desde Latinoamérica*. Barcelona: Anthropos Editorial / UAM, 2007.

BRANDÃO, J. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CORBIN, Henry. *L'Imagination Créatrice dans le Soufisme d'Ibn Arabi*. Paris: Flammarion, 1976.

DAMACENO, Meri. *Cabistezas, "causos do Arraial"*. Rio de Janeiro: Talagarça, 2003.

DURAND, Gilbert. *A imaginação Simbólica*. Lisboa: Edições 70, 1993. 6ª ed.

\_\_\_\_\_. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.

GERMANO, A. *Turismo e Preservação Ambiental em Arraial do Cabo. Novos domínios de disputa no espaço político local*; Dissertação de mestrado apresentada ao Museu Nacional/UFRJ em 2001.



GIDDENS, Anthony. *Mundo em Descontrole*. O que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2003. 3ª edição.

GUBER, Rosana. *La etnografía, método, campo y reflexividad*. Bogotá: Norma, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Os Contextos do Saber: representações, comunidade e cultura*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções*. São Paulo: Perspectiva, 2006. 9ª edição.

KRUEL-FONSECA Viviane Stern da & PEIXOTO, Ariane Luna. *Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo*, RJ, Brasil. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/abb/v18n1/v18n1a15.pdf>, Acessado em 04/12/2012.

MAFFESOLI, M. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARKOVÁ, Ivana. *Dialogicidade e Representações Sociais: as dinâmicas da mente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MOSCOVICI, Serge & DOISE, Willem. *Dissensões e Consenso*. Uma teoria geral das decisões coletivas. Lisboa: Livros Horizonte, 1991.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*. São Paulo, nº 10, Dezembro/93.

PEREIRA, Walter Luiz Carneiro de Mattos. *Cabo das tormentas e vagas da modernidade: uma história da Companhia Nacional de Alcalis e de seus trabalhadores (1943 – 1964)*. Tese de doutoramento em história apresentada em 2009 à UFF, Rio de Janeiro.

PITTA, Danielle Perin Rocha. *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. RJ: Atlântica Editora, 2005.

PRADO, Simone Moutinho. *Da Anchoa ao Salário Mínimo: uma etnografia sobre injunções de mudança social em Arraial do Cabo*. Niterói: EDUFF, 2000.

ROSÁRIO, Jeruza Jesus. Trabalhadoras da maré e saberes afrobrasileiros: cultura e educação rumo à sustentabilidade. *Africanas.com. Revista científica digital*. Universidade do Estado da Bahia. UNEB. Salvador, Bahia, número 1, 2011.

SCHUMAHER, Schuma. *Um Rio de Mulheres*: a participação das fluminenses na história do Estado do Rio de Janeiro / Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil. - Rio de Janeiro: REDEH, 2003.

WAGNER, Wolfgang e outros. *El discurso de lo cotidiano y el sentido común*. La teoría de las representaciones sociales. México: Anthropos Editorial, 2011.

*Artigo recebido em: 17/08/2013*

*Aprovado para publicação em: 06/12/2013*